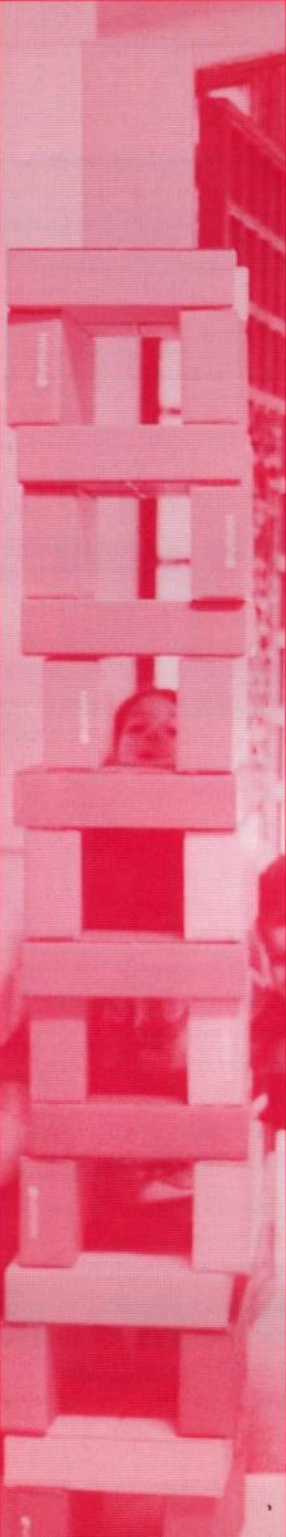


aprender a
apreender



A Escola de Artes Visuais do Parque Lage faz este ano 21 anos. Para comemorar esta maioria, a equipe que coordena e que, desde 1992, é responsável pelo Núcleo de Crianças e Jovens, organizou a mostra "Aprender a aprender".

Nesta segunda exposição, como já tínhamos feito na primeira, queremos provocar a reflexão sobre questões de arte e do ensino de arte mostrando, não os melhores trabalhos dos nossos alunos, mas como se trabalha no Núcleo.

Escolhemos nosso projeto mais recente: Fragmentos. Nele estivemos às voltas com o fragmento, o todo, a estranheza, o inacabado, múltiplo, fluxo, ritmo, continuidade, ruptura, transformação, excesso... O quisemos leve, lúdico, poético, com humor, provocador, crítico...

Convidamos o senhor Remi Langevin para mostrar os trabalhos de crianças francesas orientadas por sua avó, Vige Langevin, na década de 40. Acreditamos que a divulgação dos desenhos e pinturas destas crianças é de grande importância quando a informação histórica sobre o ensino de arte é pouca e pouco se conhece de outras experiências que não as nossas.

Expostos lado a lado os trabalhos apontam para diferenças e semelhanças entre propostas de duas épocas e duas nacionalidades.

Maria Tornaghi



TRABALHOS DOS ALUNOS DO NÚCLEO DE CRIANÇAS E JOVENS

Ex-posição: apresentar para fora algo que já não se pode retrain, algo que, como que de repente, do oculto em que se retinha, pede visibilidade, e vem à luz. - Assim em geral se pensa uma exposição "de arte". Há o artista. No silêncio e no recolhimento, trabalhou, e a obra, que assim produziu, pertence-lhe por um certo tempo; agora, exposta ao outro, há de correr mundo, e nesse curso, **fazer** um mundo: **disto** ela é, doravante, a **obra**.

Mas não é assim aqui. Os trabalhos que se vão ver são o resultado, sempre provisório, equilibrado no máximo de instabilidade, de uma tentativa de viver entre a arte e a educação. - É possível **ensinar** arte? - Quem, de que lugar definitivo e realizado para sempre, saberia responder? - É possível **aprender**? - Parece que sim. Mas há modos, vários e tão freqüentemente opostos.

A aposta do Núcleo de Crianças e Jovens da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, desde 1992, tem sido a de que aprender é possível - desde que por aprender não se entenda o treinamento em padrões

identitários já estabelecidos. - O que se produziria com essa submissão ao canônico, à lei? - Não sei quanto às obras, mas desconfio. Sei quanto aos sujeitos que emergiriam desse processo de docilidade: sujeitos de repetição. - Creio não faltar à verdade ao imaginar que, ao contrário, o Núcleo de Crianças e Jovens utilizou consistentemente - quer dizer: num ritmo sujeito a mudanças constantes e à invenção alegre - uma **pedagogia da demora**, a fim de produzir sujeitos apaixonados pela criação, sujeitos da **diferença**. - Demora: o tempo necessário, que nunca se sabe antes, nem cabe em currículos e programas fechados;



Trabalho com sucata industrial da Tatil



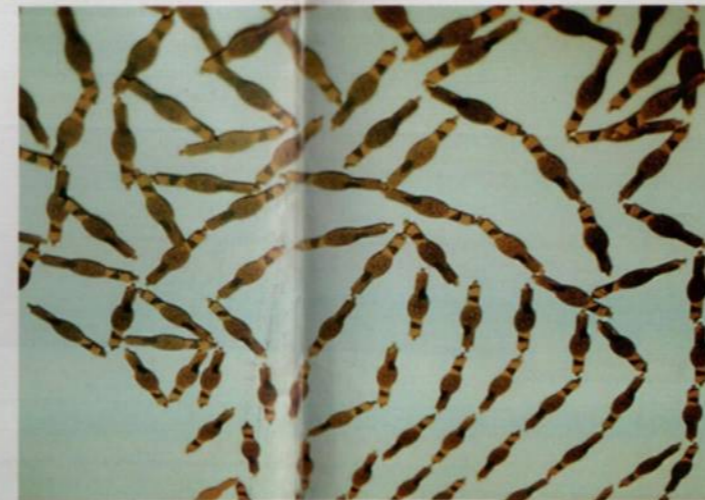
Trabalho com material educativo NATHAN

demora é também a **habitação** no tempo, a instalação no que passa, dura, dissolve-se e revém.

Essa demora cultivada com mãos pacientes, com inteligência e minucioso amor, produziu essa exposição. Agora olhem com olhar de descobrir e inventar o novo: são obras, são coisas acabadas? - Não. São como que pessoas; estão em movimento, nasceram do movimento e pedem um toque de quem entra, o toque leve da vida.

Olhem e toquem, portanto. Podem sorrir. Aqui não é um lugar para a seriedade pesada. Aqui é um espaço para a leveza alegre. - Não é, para quem entra, uma incomparável sedução?

Marcio Tavares d'Amaral



Trabalho com sucata industrial da Tatil

PINTURAS COLETIVAS DE CRIANÇAS - VIGE LANGEVIN

As pinturas expostas são concebidas e executadas por equipes de crianças. As capacidades de compreensão e de criação de cada uma se manifestam livremente no decorrer do trabalho executado em grupo.

Em todas as obras, trata-se de definir a unidade através de um esqueleto, inventado pela lógica infantil, depois, obter a vida e a fantasia pela colaboração de todas as crianças; estes são dois aspectos artísticos sem nenhuma contradição. Os resultados dependem antes de tudo dos métodos, depois dos temas e ligeiramente dos processos e dos materiais.

O tema é dado pelo adulto animador, ou então proposto por algumas crianças. Ele é discutido, recusado ou adotado. A troca de pontos de vista leva a diferentes pesquisas. Cada criança prepara um projeto de formato reduzido. Se ele a satisfaz, ela o apresenta e a equipe o avalia. A escolha é longamente influenciada pelo professor, porque os pequenos iniciantes não podem adivinhar que o esboço deve ser bastante flexível para se povoar mais tarde das criações de todos os executantes, e bastante firme para conservar entretanto suas intenções plásticas até a conclusão. Mais tarde, depois de numerosas tentativas, algumas crianças aprenderão a descobrir estas premissas e poderão escolher elas mesmas.

A maquete escolhida é quadriculada. Existe uma grande distância entre seu pequeno tamanho e a grande superfície de papel do futuro quadro. Com a ajuda dos quadriculados semelhantes, os desenhistas benevolentes traçam ousada e sumariamente os contornos ou os pontos marcantes, sem excessiva semelhança. Os quadrados pequenos e grandes são numerados e recortados. O aluno recebe um quadrado pequeno da maquete e o quadrado grande correspondente. Ele pinta, desenha, povoa a parte da obra que lhe cabe, ou que ele escolheu. Ele conta,

testemunha, inventa, discute, corrige e acrescenta com desenvoltura, por que sua imaginação encontra facilmente as dos autores da maquete. Entretanto os personagens, os objetos, as paisagens só aparecem em função da ação ou do sentimento a exprimir.

De vez em quando, as folhas são reunidas na ordem em que elas devem se colocar. A maquete inicial sofreu deformações. O prolongamento duma linha, a invasão duma mancha colorida, um elemento que surpreende, deslocamentos acentuados levantam discussões que são em geral frutíferas. As folhas são enfim coladas lado a lado.

Podem também ser acrescentados à pintura elementos, pintados separadamente: personagens, animais, árvores, folhas, plumas, peças de vestimenta ou de arquitetura, partes de paisagem, etc..

Um quadro de tamanho modesto pintado por seis ou oito crianças, uma frisa composta de elementos colados, podem ser ampliados e o tema desenvolvido. Uma pintura de tamanho grande executada diretamente com largos toques pode ser completada pelas pequenas pinturas compostas mais tarde, à parte.

A pintura coletiva na escola estimula uma educação estética.

Ela favorece também à educação social. A criança, posta entre o individual e o social, se encontra em condição de compreender que ela só enriquece a coletividade e só lhe é útil se ela conserva e desenvolve sua personalidade. Ela aprende a julgar seus próprios trabalhos, os dos outros, a disciplinar sua iniciativa, a respeitar o trabalho do outro. Ela compreende também a importância desta arte mural que reuniu os esforços de todos para satisfazer esteticamente a equipe inteira.



Pássaro Azul 141 x 123 cm

Texto de Vige Langevin escrito por ocasião de exposição no Museu Picasso em Antibes, França, adaptado para a presente exposição por seu neto Remi Langevin.



**ESCOLA DE ARTES VISUAIS
DO PARQUE LAGE**

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E
ESPORTE DO RIO DE JANEIRO

Diretor

Luiz Alphonsus de Guimaraens

Diretora Substituta

Ivete Miloski

Coordenador de Ensino

Luiz Ernesto

Coordenador de Exposições

Nelson Augusto

Equipe do Núcleo de Crianças e Jovens

Coordenação:

Maria Tornaghi

Professores:

Bia Amaral

Christianne Rothier

Cláudia Tebyriçá

Cristina de Pádula

Georgette Melhem

Giodana Holanda

Lídice Matos

Manoel Fernandes

Renata Alkmim

Tania Queiroz

Fotos:

Núcleo - Tania Queiroz

Langevin - Remi Langevin / Louis Sieff

Programação Visual:

Carlota Rios / Carol Saboia

Agradecimento: Maria de Fátima de Rezende Campos

Fátima Magalhães

Consulado Geral da França

Apoio:



C/S/A/R

GRÁFICA
COIRMÃOS

Tel. 560-1604 - 280-7141